

RUA FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 1º, Inciso IX
Formada pela rua 11 do Conjunto Habitacional

"Lech Walesa" - Dic IV

Início na rua 15

Término na rua 13

Conjunto Habitacional "Lech Walesa" - Dic IV

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Jacó Bittar. Projeto de lei 141/91. Processo 56.195.

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

Francisca Júlia da Silva nasceu em Xiririca, atual Eldorado, neste Estado, em 31-agosto-1874 e faleceu em São Paulo, em 01-novembro-1920. Era filha de Miguel Luso da Silva e de Cecília Isabel da Silva e irmã do aclamado poeta, autor de "A Arte de Amar", Julio Cesar da Silva. Começou a escrever versos aos 14 anos. Aos 21 publicava, sob gerais aplausos, o seu primeiro livro "Marmores". Mais tarde, em 1905, aparecia seu segundo livro: "Esfinges", que a consagrou de vez. Foi estrela de primeira grandeza da constelação da poesia nacional. Foi amada, entendida e admirada. Os mais severos críticos de sua época teceram-lhe os maiores elogios. Machado de Assis, Adolfo Araújo e João Ribeiro não lhe negaram aplausos. Foi igualada no Parnasianismo a Emilio de Menezes, Ibrantina Cardona, Bilac, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho. Colaborou no "O Estado de S. Paulo", "Correio Paulistano", "Diário Popular" e nas revistas "O Album" de Artur Azevedo e "A Semana" de Valentim Magalhães. Aos 21 anos já era admirada pela sua inteligência, sendo considerada na época, também fisicamente um tipo de beleza feminina. Publicou ainda: "Livro da Infância" e "Alma Infantil". Conta-se que, nas vésperas de Finados do ano de 1920, seu marido, o sr. Munster, adoeceu inesperadamente e inesperadamente morreu. E na hora da saída do féretro, Francisca Júlia debruçou-se, em silêncio, sobre o caixão mortuário, ali permanecendo imóvel durante alguns minutos. Parecia segredar alguma coisa alguma coisa ao extinto. Mas era preciso fechar o caixão. O cortejo fúnebre tinha que sair. Então, seu irmão, o poeta Julio Cesar puxou-a pelo braço, mansamente. Ela não se moveu. Chamou-a, baixinho, carinhosamente. E querendo tomá-la nos braços, puxou-a para si. Ela, então, caiu aos seus pés, desgovernadamente. Estava morta...

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLÔNIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



DEPOIS DE FRANCISCA JULIA



QUEM A ARTE SUPLENTE A SUA CONTEXTURA, QUE NA ARTE, EMBORA PECADORA, [A IDEIA] DEVE JULGADA SER COMO FRINÉIA: — NA PUREZA TRIUNFAL DA FORMOSURA.

E' habitual a afirmativa de que, em nenhum outro poeta parnasiano brasileiro, o ideal da beleza impassível — apauagado da escola de Herédia — se realizou como em Francisca Julia da Silva, paulista nascida em Xiririca (hoje Eldorado) em 1870. E, todavia, a poetisa foi tão emotiva e arrebatada, que deu à sua vida um fim de tragedia classica, morrendo junto ao esquife do marido!

Ao estrear, em 1895, com o livro "Marmores" (prefaciado por João Ribeiro), Francisca Julia afixou no portico do belo volume o soneto "Musa Impassível", sua profissão de fé no ideal parnasien:

*Musa! um gesto sequer de
[dor ou de sincero
Luto jamais te afeje, o can-
[dido semblante!*

Eram estes os versos iniciais do soneto, e não se destinavam apenas a refutar o romantismo — já fora de circulação desde muito tempo — mas as próprias deformações românticas que o parnasianismo vinha sofrendo no Brasil, terra bem mais acessível ao arrulho sentimental das juritis, que ao silencio penetrado das estatuas. Mas, não era só a impassividade o que a poetisa pedia, em seu soneto, à Musa. Era bem mais:

*Dá-me o hemistiquio d'ouro,
[a imagem atraíva,
A rima cujo som, de uma
[harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a
[estrofe limpa e viva;*

A alma deveria ser portanto comovida pela musica da rima, e não pelo sincero luto ou por outros accidentes do tema; pois, nos olhos da Musa, dizia a poetisa, "não quero a lagrima", e recomendava: "Diante de um Job, conserva o mesmo orgulho". Que não fique sem menção o raro adjetivo crebra, usado pela poetisa, na rima com quebra: trata-se de palavra que os dicionarios de rimas, de Mario de Alercar e Costa Lima, não registram. Usa-o no entanto Camões ("Crebro suspiros pelo ar soavam") e usa-o também Bocage no verso "Ao crebro som do lugubre instrumento", com que inicia o soneto CCLXVII ("Ao réu, que foi conduzido ao patibulo no dia 11 de julho de 1797").

Francisca Julia é, pela altitude da sua poesia, a primeira poetisa credenciada para figurar em qualquer antologia brasileira. E' certo que a autora de "Esfinges" deixou obra pouco volumosa, mas nem por isso sua contribuição pode ser menosprezada. A despeito das influencias temáticas que lhe denuncia, em seu ensaio "Renovação Parnasiana da Poesia", o sr. Pericles Eugenio da Silva Rames (in "A Literatura no Brasil", de Afranio Coutinho, vol. III). Menores influencias não sofreu, por certo, Raimundo Correia, poeta que até hoje se projeta entre os mais famosos do seu tempo.

No já citado prefacio de "Marmores", João Ribeiro, que considerava Francisca Julia o maior nome da poesia nacional, da geração posterior à de Bilac e Alberto de Oliveira, mencionava também os "nomes gloriosos" de Narcisca Amalia, Adalina Vieira, Julia Lopes de Almeida, Zalina Rolim e Julia Cortines. Em crônicas anteriores sobre a participação feminina na poesia brasileira, já me detive em cada uma delas. Parece-me justo porém acrescentar algumas palavras, a proposito da veneran-

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

da senhora D. Zalina Rolim Xavier de Toledo. A autora de "Coração" — livro com que estreou em 1893 — nasceu em S. Paulo em 1869 e cultivou a poesia didática e os temas infantis, através dos quais se tornou conhecida de sucessivas gerações de escolares. No genero lirico, o soneto "Pomba Ferida" é talvez a pagina mais conhecida da poetisa, hoje inteiramente afastada das atividades literarias.

Mas, se a Zalina Rolim foi concedido o privilegio de sobreviver às suas companheiras de geração, bem diverso destino teve Auta de Sousa, inditosa poetisa norte-rio-grandense, nasci-

tudo de importancia literaria, pois nada significa da poesia da fase a que pertenceu, cronologicamente, Auta de Sousa.

Maria Eugenia Celso, nascida em 1837 em S. João Del-Rei, surgiu para a vida literaria numa epoca em que o proprio simbolismo tinha já cumprido o seu ciclo; talvez este fato explique as incursões da neta de Ouro Preto pela poesia chamada "caipira", que cultivou, sem prejuizo da aceitavel categoria de seus versos escritos em linguagem comum, e reunidos em dois ou três volumes. A' geração de Maria Eugenia Celso pertence a gaucha Lola de Oliveira (Porto

FRANCISCA JULIA DA SILVA

Marmores

Com prefacio de

JOÃO RIBEIRO

Horacio Belfort Sabino
EDITOR

Horacio Belfort Sabino foi o editor da primeira e unica tiragem do livro de estreia de Francisca Julia da Silva, "Marmores", cuja capa se reproduz na gravura acima. A edição é de 1895.

da em 1876, em Macaiba, e falecida em Natal, em 1901. Sua vida atormentada pela tuberculose e a aproximação da morte transformou-a numa especie de irmã menor da geração romantica, em plena fase parnasiana. Seu livro "Horto" (1899) traz um prefacio de Bilac no qual o poeta maior de "Via Lactea" fala de "este formoso volume, que vem revelar uma poetisa de raro merecimento"; mas, ao mesmo tempo, ressalva: "não há nas estrofes do "Horto" o labor pertinaz de um artista".

Talento e sensibilidade não faltaram á triste moça tísica do Nordeste, que cometeu, todavia, o equívoco irreparavel de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estreia de Mallarmé e Verlaine. "Horto" é um livro comovente, sob o aspecto humano, mas desti-

Alegre, 1899). Inexpressiva nos temas liricos comuns, salva-se todavia na exploração dos assuntos regionais de sua terra. "O umbu", "O Pampa" e outras paginas referentes ao ambiente gaúcho podem salvá-la do esquecimento total.

Gilka Machado, Ana Amelia de Queirós Carneiro de Mendonça e Rosalina Coelho Lisboa são três nomes posteriores, enquadrados na tendencia a que se pode chamar, vagamente, pós-parnasiana. O exito de Gilka Machado ("Cristais partidos", 1915; "Estados d'alma", 1917; "Mulher nua", "Sublimação" etc.) deve-se principalmente aos temas sensuais, não porque fossem novos, mas por terem sido enfrentados, pela primeira vez, não por um poeta, mas por uma poetisa. Nos versos de abertura do livro "Estados d'alma" lê-se:

Estas afirmativas são incontestaveis mas, ao pô-las em pratica, Gilka Machado tomou-as como um fim da propria poesia, do que resultou, não uma arte livre, mas uma obra presa em excesso aos sentimentos pessoais da autora. E nem é possível mesmo saber, a proposito de Frinéia, se ao absolvê-la, os seus galantes juizes foram movidos apenas por um inesperado ideal de beleza abstrata... No culto da arte defendida por Gilka Machado, as emoções humanas so-prepõem-se ás de ordem estetica, com frequencia.

Ousada nos temas, foi a autora de "Mulher nua" tímida na arquitetura do poema, sem desprezar, porém, as estrofes polimétricas herdadas do simbolismo. Menos usada sob o aspecto formal, se mostrou Ana Amelia, presa sempre aos versos medidos, através dos quais, desde o seu primeiro livro ("Esperança", 1941), vem oferecendo uma mensagem de inegavel sensibilidade. O mesmo se pode dizer de Rosalina Coelho Lisboa ("Passos no Caminho", "Rito Pagão" etc.), que se destaca porém por um maior vigor de expressão, e alguma ousadia tematica.

O nome feminino mais expressivo da poesia em lingua portuguesa — desde a epoca medieval até hoje — é porém o de Cecilia Meireles. Bem difícil é estabelecer confrontos entre poetisas de diferentes épocas e idiomas diversos. Mais difícil porém é situar a' autora de "Viagem" abaixo do plano das grandes poetisas dos tempos modernos, entre as quais se destacam Rosalia de Castro, Elisabeth Barret Browning e Emily Dickinson. Na America Latina, nem mesmo Gabriela Mistral, aureolada pelo premio Nobel, alcançou a pureza de expressão, a limpidez formal da autora de "Viagem". Seus versos são assim:

*Teu nome é quase indiferente
e nem teu rosto já me inquieta.
A arte de amar é exatamente
a de ser poeta.*

*Para pensar em ti, me basta
o proprio amor que por ti
[sinto:*

*és a idéia, serena e casta
nutrida do enigma do instinto.*

*O lugar da tua presença
é um deserto, entre variedades
[des:*

*mas nesse deserto é que pensa
o olhar de todas as saudades.*

Na moderna poesia em nossa lingua, talvez só Fernando Pessoa tenha reunido, a tanta força lirica, tal sintese de expressão.

Muitas são as vozes femininas que se destacam na poesia brasileira atual, na qual Henriqueta Lisboa ocupa uma posição de destaque. Oneida Alvarenga, Lila Ripoll, Maria Isabel, Maria da Saudade Cortezão e Jacinta Passos estão entre as que tiveram seus livros saudados pela critica e bem recebidos pelo publico. Muitas outras se fizeram ouvir nos ultimos anos e entre elas algumas têm, realmente, autenticidade e expressão propria.



Rua Francisca Julia

O DESTINO DE DOIS POETAS E A QUE MORREU DE AMOR

— Ora — direis — por que dar o nome de poetisa tão insigne a uma rua assim tão distante do coração de São Paulo?... Não foi ela então uma estrela?...

Foi. E foi estrela de primeira grandeza da constelação da poesia nacional. E foi amada, entendida e admirada. Os críticos mais severos da sua época teceram-lhe os maiores elogios. Machado de Assis não lhe negou aplausos e Valentim Magalhães franqueou-lhe as páginas da sua apreciada "A Semana". Adolfo Araújo, exigente e violento, dela disse que "seu buril era quase impecável" e que a poetisa "fazia do mármore" — e "Marmores" se chamava seu primeiro livro — "o que bem queria: um florão, uma urna, uma estatua, uma cariatide. Ela passa por impassível mas não é. Dentro dos seus marmores há um coração que sangra..."

Até o velho João Ribeiro, tido e havido como um dos críticos mais ranzinhas de todos os tempos, além de prefaciá-lo seu segundo livro — "Esfinges" — não teve dúvidas em afirmar, de publico: "Não tenho hesitação alguma, qualquer que sejam as consequências do acerto, em afirmar que depois da geração que costumamos simbolizar nos nomes de Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, tenha aparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, se iguale à altura dos "Marmores". Nem aqui, nem no sul, nem no norte, onde agora floresce uma escola literaria (a "Padaria Espiritual", do Ceará) encontro nome que se possa opor ao de Francisca Julia".

Na verdade, Francisca Julia foi e é, ainda hoje, para os que admitem o parnasianismo, uma das mais perfeitas cultoras do verso. Seus alexandrinos possuem, além da clareza meridiana, da precisão absoluta, da

musica bem marcada, das imagens surpreendentes e da rima faiscante, a encantadora perfeição da forma. E não se diga que não há emotividade em sua poesia. Embora seja tudo bem medido e contado, o sentido



Rua Francisca Julia, do bairro de Santana



humano se espelha à farta, nas suas expressões. E com tal arte construía ela os seus versos, com tal senso de equilíbrio os esculpia, que ninguém, ainda hoje, lhe nota o trabalho da construção e a profundidade dos alicerces. Vê-se-lhe a beleza exterior sem, contudo, se perceber a armação de aço oculta sob as molduras. São versos que bem denotam a admirável força da simplicidade. Estão, talvez, fora de moda, mas são colunas de mármore em desafio à eternidade. As modas passam, como tudo passa na vida, mas não passará, jamais, tudo aquilo que tem raízes fundas na perfeição e que refem, em seu íntimo, a luz imortal do gênio.

E como foi ela simples, meiga, amável, despreziosa e sensível! Consideravam-na a maior poetisa paulista do seu tempo.

Naturalmente foi por isso que o destino levou para aquela rua, lá longe, no bairro de Santana, o seu nome ilustre...

O BAIRRO E A RUA

Rua Francisca Julia... Nasceu ali, na rua Voluntários da Patria, em Santana. Mas não se formou como aquela, que foi um simples caminho e depois estrada onde, por muitos e muitos anos trafegavam carros de bois. E havia ainda um passar constante de tropas e boiadas. Nesse tempo, os prédios eram ali poucos, baixos e de pau-a-pique, com imensos quintais cercados de bambus e caraguatás. Só de longe em longe é que fumegavam bruxoelantes chamas de pobres lampiões de querosene, que mais pareciam fantasmas hirtos, perdidos dentro da noite. Nem os "voluntários da patria" tinham ainda por ali passado em sua festiva chegada (coisa que se verificou a 25 de abril de 1870) nem o bairro de Santana era mais que uma vasta campina a se perder de vista, lá longe...

Assim é que muito depois, após a proclamação da República, e quando esse velho caminho da Luz já se chamava, e de lá muito, rua Voluntários da Patria, é que se foi rasgando, com início nela, uma via pública modesta, que no começo nem tinha nome certo. Aos poucos é que os prédios nela se foram alinhando, e aos poucos foi ela ganhando características preciosas até que, já formada, resolveu então a Prefeitura dar à ruazinha humilde o nome da poetisa insigne — Francisca Julia da Silva.

E diga-se lá o que disser, bem se casou ao nome da saudosa poetisa a simplicidade desta rua que parece fugir, escandalizada, do modernismo farralhan-te, pretensioso e dissolvente, que já vai despersonalizando tanta coisa por aí. E o mais curioso é que esta rua, onde até as linhas das casas são de



Francisca Julia



arquitetura simples, onde não há arranha-céus nem canteiros verdes centrais, vai terminar precisamente, na rua Paulo Gonçalves — outro grande poeta paulista que fez da sua vulgar simplicidade e da sua emotividade discreta o hino sublime e imortal da sua passagem pela terra.

Francisca Julia da Silva nasceu em Xiririca, neste Estado, a 31 de agosto de 1874. Filha de Miguel Luso da Silva e de da, Cecilia Isabel da Silva, era irmã de um aclamado poeta, autor de "A Arte de Amar", Julio Cesar da Silva. Começou a escrever versos aos 14 anos. Aos 21 publicava, sob gerais aplausos, o seu primeiro livro: "Marmores". Mais tarde, em 1905, aparecia seu segundo livro, "Esfinge", que a consagrou, de vez. E conta-se que, no dia de Finados do ano de 1920, seu marido, o sr. Munster, adoeceu inesperadamente e inesperadamente morreu. E na hora da saída do feretro — conta Mucio Leão — Francisca Julia debruçou-se, em silêncio, sobre o caixão mortuario, ali permanecendo imóvel durante alguns minutos. Parecia segredar alguma coisa ao extinto. Mas era preciso fechar o caixão mortuario. O cortejo fúnebre tinha que sair. Então o poeta Julio Cesar puxou-a pelo braço, mansamente. Ela não se moveu. Chamou-a, baixinho, carinhosamente. E querendo tomá-la nos braços, puxou-a para si. Ela, então, caiu aos seus pés, desgovernadamente. Esta va morta...

Não foi capaz de aceitar, para si, os próprios conselhos dados à sua Musa...

"Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero Luto jamais te afeie o candi-do semblante: Diante d um Jó conserva o mesmo orgulho: e diante De um morto, o mesmo olhar [e sobreceño austero!]"

POETAS PAULISTAS

FRANCISCA JULIA E A IMPASSIBILIDADE PARNASIANA



JUNTAMENTE com Emílio de Meneses e Ibrantina Cardona, Francisca Julia foi uma guardiã da ortodoxia parnasiana em nossa terra: os demais representantes, na realidade, um mais outro menos se afastaram bastante dessa concepção estética. Altitude, sublimação o abundância de elementos plasticos, resistencia passiva aos sentimentos de precariedade — são esses os característicos dessa escola.

A poetisa de "Marmores" continuou com maestria a tradição de Olavo Bilac, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho e Alberto de Oliveira.

"Musa Impassível", reflete bem a impassibilidade de quem está em harmonia com a beleza interior e o senso artistico das coisas:

"Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero luto jamais te afeie o caudado semblante! Diante de um Jô, conserva o mesmo orgulho e diante de um morto e mesmo olhar te sobrececho austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero em tua boca o suave e idílico descante. Celebra ora um fantasma anquiiforme de Dante. Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemestiquio de ouro à imagem atrativa, a rima cujo som de uma harmonia crebra. Cante nos ouvidos da alma e estrofe limpa e viva;

Versos que lembram com seus barbaros ruidos, Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra, Ora o surdo rumor de marmores partidos!"

Apuro de forma, impessoalidade, beleza descritiva e às vezes, motivos inspirados na literatura classica. "Argonautas" são versos de inspiração helenica:

"Mar jora, ei-los que vão cheios de ardor insano os astros e a luar — amigos sentineias lançam bênçãos de cima às largas caravelas, que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Ei-los que vão buscar noutras paragens belas infindos cabedais de algum tesouro arcano... E o vento austral que passa, em cóleras, uano, faz palpar o jogo as retesadas velas.

Novas céus querem ver, mirificas belezas; querem também possuir tesouros e riquezas como essas naus que têm galhardetes e mastros... Aateiam-lhes a febre essas minas supostas... E, olhos fitos no vácuo, imploram de mãos postas, a áurea benção dos céus e a proteção dos astros".

Mas, se há, não raro, senso mitológico de permeio a sensível pressentimento cristão, em clima de misterio e aventura, nos versos de Francisca Julia, há também alma e sentimento comovente, como se vê neste soneto, cujo nome é "Cega":

"Tropeça, os braços nus, a fronte pense, várias Vêzes, quando no céu o louco sol desponha, Vejo-a, no seu andar de sonambula tonta, despertando a mudez das vielas solitárias.

Arrimada ao bordão, lá vai... [imaginárias

coisas pensa... verões e invernos maus afronta... Dores que tem sofrido a todo mundo conta, Na linguagem senil das suas velhas árias...

Por DANTE ALIGHIERI VITA (Do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo)

Cega! que negra mão entre os negros escolhidos Do caos, foi procurar a trava que enegrece Para cegar-te a vista e escurer-te os olhos!

Cega! quanta poesia existe [amargurada,



Francisca Julia

Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse olhar, que se abre para o céu [e não vê nada!...

Persistência do escuro, contrastes amargos, sentimento de compaixão: tudo isso, dimana dos versos escritos por essa notavel figura de nossa poesia feminina:

Quanta beleza, quanto lirismo há também nestes versos de "Perfida", sensivelmente perpassados de impetos serenos de revolta à ingratidão!

"Disse-lhe o poeta: — Aqui, sob estes ramos, Sob estas verdades laçarias [bravas, Ah! quantos beijos, tremula, [me davas! Ah! quantas horas de prazer [passamos!

"Foi aqui mesmo — como [tu me amaras! Foi aqui, sob os úmidos ramos, Desta ramagem, que uma [sede alcançamos, Em que teu corpo, mole, re- [pousavas.

Horas passavas junto a ti, [bem perto, De ti — Que gozo então! [Mas, pouco a pouco Todo esse amor caicaste sob [os pés."

"Mas", disse-lhe ela, quem [és tu? Decerto, Essa mulher de quem tu ja- [lias, louco, Não, não sou eu, porque não [sei quem és..."

A mulher aqui, nesses versos, se apresenta enigmatica como as esfinges, volátil como o pensamento e doida como a alma ferida pela ingratidão.

Não há coisa que deixe mais a alma doida do que a ingratidão. São versos, portanto, que falam de uma verdade sentimental. Eis uma das mais belas poesias de Francisca Julia, intitulada "Rustica", tirada do livro "Escritores na

Intimidade", de Raimundo de Meneses:

"Da casinha em que vivo, o reboco alfaceado Reflete o ribeirão na agua [clara e sonora. Este é o ninho feliz e obscuro [em que ela mora, Além, o seu quintal; este o [seu aposento.

Vem do campo, a correr; e [úmida do relento, Toda ela, fresca do ar, tanto [aroma evapora, Que parece trazer consigo [flor de jora, Na desordem da roupa e do [cabelo, o vento...

E sentiu-se. Compõe as roupas, Olha em torno, Com seus olhos azuis, onde a [innocência boia; Nessa meia penumbra e nesse [ambiente manso,

Pegando na costura à luz da [claraboia, Põe na ponta do dedo em [feitio de adorno O seu lindo dedal com pre- [tensão de jóia!..."

Diz Raimundo, de Meneses: "a sensibilidade artistica de Francisca Julia, brindava os amantes da boa poesia com paginas como esta: "Noite de Inverno":

"Nunca vi noite como esta [agora, Ai! como é negra, como é [sombria..."

Passa a rajada cortante e [frio! Fecha as portas à ventania Que vem de jora!

Correm as brumas compridas [letras, Que noite escura! brumas e [trevas!

Ai! que pungente pensar que [um bando De pobrezinhas crianças [truas, Corre nest'hora ruas e ruas Choramando... E eu tenho leitos, boas flanelas, Fogo aceso, carne em tres- [salhos!

Ai! se eu pudesse dar aga- [lhos

A todas elas!"

Francisca Julia, diz Otto Maria Carpeaux, "é, assim como Emílio de Meneses, exemplo da efemeridade das glorias que o parnasianismo criou: famosissima na época, por ter plenamente realizado o ideal da "Impassibilidade", está hoje tão esquecida, que é difficil encontrar-lhe as obras. Mas, não merece o esquecimento completo".

Francisca Julia nasceu em Xiririca, Estado de S. Paulo, a 31 de agosto de 1874. Filha de Miguel Luso da Silva e de d. Cecília Cesar da Silva. Era irmã do poeta Julio Cesar da Silva. Escreveu: — "Marmores", 1895. "Livro da Infancia", 1899. "Esfinges", prefaciado por João Ribeiro, 1903 — e "Alma Infantil", poemas, 1914. Colaborou no "O Estado de São Paulo", "Correio Paulistano", "Diario Popular", e nas revistas "O Album" e "A Semana", de Valentim Magalhães, do Rio. Publicou "Marmores" aos 21 anos de idade. Era já então admirada pela sua intelligencia, sendo considerada, na época, também fisicamente, um tipo de beleza feminina.

Francisca Julia faleceu em São Paulo, aos 48 anos, no dia de finados de 1920, no mesmo dia da morte de seu esposo.

"Ninguém sabe o bem que perde, senão depois de perdido" — disse Osorio Duque Estrada, em relação a



1-11-1966

1920 Morre nesta Capital a poetisa Francisca Júlia da Silva, nascida em Xiririca, litoral do Estado, a 3 de agosto de 1874. Dedicou-se ativamente à literatura, publicando na imprensa seus primeiros versos que despertaram admiração dos escritores de sua época, entre os quais João Ribeiro, Lucio de Mendonça, Araripe Junior e outros. Parasiânica, rivalizou-se com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia na perfeição da forma de suas poesias e publicou em 1895 "Marmores", obra recebida com altos elogios pela crítica, seguindo-se "Esfinges". A seu respeito escreveu o crítico João Ribeiro: "O caráter predominante de sua poesia é, talvez, o amor da beleza clássica, tal qual a idearam os helenos de Pericles".

DIÁRIO DA NOITE
DE

01-11-1966